

Prefácio

Por Morgan Housel

Existem mais de duzentos milhões de empresas em todo o planeta.

Quinhentos biliões de dólares em ativos financeiros.

Cem biliões de dólares em PIB.

Os países totalizam quase duzentos, as culturas e normas são milhares.

Com oito mil milhões de pessoas no planeta, um cálculo aproximado demonstra que existirão cerca de duas toneladas de pura serotonina a circular pela economia global neste preciso instante.

Os economistas tentam seriamente criar modelos de toda esta variedade com folhas de cálculo.

A economia global é complexa e vasta. É fácil perceber a dificuldade de se abarcar o todo.

Não nos esqueçamos deste facto, para entendermos que na vida de todas e quaisquer pessoas aplicam-se sempre dois tópicos, independentemente de quem sejamos, de onde vivamos ou do que façamos: a saúde e o dinheiro. E pouco importa se estes tópicos não vos interessam para nada, pois eles *estão interessados em vós*.

Quando a economia global se torna infinitamente complexa e fundamental para a vida de todos, esbarramos com certos problemas.

E esta é uma boa forma de descrever a história económica moderna: «esbarrámos com certos problemas».

Nós, enquanto sociedade, realizámos enormes progressos na medicina, engenharia e tecnologia da informação ao longo do último século. Muitos especialistas destas áreas, há cem anos, não reconheceriam o mundo atual. Melhorámos a olhos vistos.

Mas na área financeira? Na economia? Dificilmente discerniremos os progressos, mesmo com grande esforço.

Seremos melhores a prever as recessões do que éramos há cem anos?

Gerem as pessoas da atualidade melhor o seu dinheiro do que geriram os seus avós?

Não é de todo evidente. Aliás, vou desdizer-me. É *bastante evidente* que não somos melhores.

O rendimento médio do agregado familiar, ajustado à inflação, aumentou mais de um terço desde a última geração. Mas um inquérito recente revelou que o dinheiro causa ansiedade a mais de 70 % das famílias americanas. Mais de 60 % contam os tostões ao final do mês. Eis algumas histórias financeiras mais dominantes dos últimos vinte anos: que fomos parvos por termos comprado ações de empresas tecnológicas; que fomos parvos por termos comprado imóveis; que fomos parvos por termos comprado criptomoeda e que é muito fácil roubar o dinheiro dos outros.

Esta labiríntica confusão afeta as pessoas, mas não só: estende-se à economia como um todo.

A revista *The Economist* — verdadeiramente uma das melhores publicações financeiras a nível mundial — costuma dedicar os números de janeiro a edições especiais que antecipam o novo ano.

A edição antecipatória de janeiro de 2020 não menciona uma única vez a COVID-19.

A edição antecipatória de janeiro de 2022 não menciona uma única vez a invasão da Ucrânia pela Rússia.

A edição antecipatória de janeiro de 2023 não menciona uma única vez o ataque que o Hamas perpetrou a Israel.

Não se trata de uma crítica, pois os editores da *The Economist* jamais adivinhariam o que iria acontecer quando a revista entrou na gráfica. Os eventos distavam ainda, entre semanas a vários meses, de surgirem nas nossas vidas. Mas este facto demonstra a enorme dificuldade de tentar abarcar o leviatão chamado economia global, como é que funciona, para onde ruma e como poderemos aprendemos a lidar com ele.

Porque é que nos tornámos muito melhores nas questões da engenharia e da física, mas não da economia?

A pergunta terá respostas de todas as naturezas, mas uma significativa será o facto de a economia representar uma das poucas áreas que exigem, em partes iguais, um conhecimento técnico preciso e um entendimento da natureza complicada, imperfeita, emocional e irracional das pessoas.

Tudo o que envolva dinheiro — as finanças pessoais, o investimento, a economia — é tipicamente entendido como englobando uma disciplina sustentada na matemática: tendo por base dados que alimentam uma fórmula, chega-se a uma resposta. E não *uma* resposta qualquer, mas *a* resposta. Leis férreas, tal como na física.

O problema desta abordagem é, teoricamente, que as pessoas deviam obedecer às leis económicas; contudo, são impacientes, mal informadas, não sabem matemática, estão com fome ou irritadas, não entendem o contexto, ou são guiadas por incentivos, além de um manancial de características inevitáveis que abrem abismos imensos entre teoria e realidade.

E é por este motivo que o livro que o leitor tem agora nas mãos me entusiasma tanto.

Várias são as pessoas que entendem os pormenores técnicos da economia. Muitas outras entendem o lado humano que orienta as pessoas nas decisões que envolvem dinheiro.

Não há assim tantas pessoas que entendam ambas as vertentes. Kyla Scanlon encontra-se neste grupo.

Conheci Kyla há alguns anos, quando ela criava vídeos curtos sobre temas económicos e que eram tão divertidos quanto informativos. Tornou-se imediatamente aparente que dominava não só os pormenores técnicos do funcionamento da maquinaria económica, mas que os explicava com imensa empatia para a vertente humana desta área.

O seu trabalho tornou-se famoso em 2022 quando inventou o termo «*vibecessão*», aplicável às situações em que a economia se encontra a funcionar para efeitos práticos, mas pelo mero facto de a população

estar imbuída de pessimismo, cria-se uma *vibe*¹ negativa em jeito de profecia autorrealizável. Eis um perfeito exemplo da separação entre a teoria e o mundo real.

Deixem-me dizer-vos: quase 0 % dos doutorados em economia entendem esta separação, e precisamente 0 % sabem explicá-la com a facilidade de Kyla.

¹ Termo coloquial para designar um bom ou mau «ambiente», boa ou má «onda», boa ou má «energia», boa ou má «sensação»; alternativas aplicáveis a contextos específicos, mas enquanto termo económico, dariam azo a outras interpretações, tendo-se optado por manter o termo original. [NT]

Introdução

O que precisamos de entender verdadeiramente sobre o funcionamento da economia?

A resposta é simples. A economia é quase sempre intuitiva, mesmo que não o pareça.

Afinal, talvez seja preferível que esqueçamos tudo aquilo que os nossos professores nos tentaram ensinar a respeito da política monetária, pois habitualmente encaramos a economia a partir de pressupostos, modelos do tipo «sempre se fez assim», e uma cisão perturbante entre a teoria e as preocupações das pessoas reais.

Estou ciente de que, nos últimos anos, as notícias económicas têm sido... desconcertantes. A realidade assemelha-se a um delírio consciente. Mas esta percepção é também causada pelos algoritmos que controlam as notícias que lemos, pois recompensam o alarmismo em vez da objetividade, e a Reserva Federal — além de todos os demais bancos centrais, por sinal — exprime-se propositadamente numa linguagem vaga e palavrosa — conhecida por *Fedspeak*, definida pelo economista Alan Blinder como um «dialeto pomposo do inglês» —, tentando assim refrear a reação intempestiva dos mercados, embora com o efeito secundário infeliz de confundir as pessoas.

Por outras palavras, as manchetes que nos servem trazem uma requintada cobertura de *chantilly*: são fofinhas e espumosas, e exageram os problemas à vez, até ficarmos completamente preocupados, reativos e enlouquecidos. Porque é deste modo que nos fazem clicar nos artigos, convencendo-nos de que têm respostas para o que desejamos

saber: a proverbial chave que descerra o baú das soluções. Ao tornarem supercomplicado aquilo que é básico, as pessoas prestarão atenção.

Universalizar a literacia económica tem sido uma missão pessoal minha desde os tempos do secundário, quando comecei a transacionar opções e a escrever sobre o assunto no primeiro blogue que criei: *Scanlon on Stocks* (Scanlon fala sobre as ações). Tendo obtido mais tarde uma licenciatura na área financeira, económica e análise de dados, estive empregada na gestão de ativos financeiros do Capital Group, onde fazia análise macroeconómica e desenvolvia modelos de estratégias de investimento. Contudo, comecei a passar cada vez mais tempo a criar vídeos e a desenvolver a minha *newsletter*, em que procurava explicar os acontecimentos e os motivos subjacentes, para os ouvintes perdidos no meio de tantas notícias económicas altamente sensacionalistas e pejadas de termos técnicos.

Este livro destina-se a quem quiser entender o modo de funcionamento da economia, e que papel desempenha nela, a quem tenta decifrar como é que a política monetária faz oscilar o saldo das suas contas bancárias, a quem não percebe por que motivo é tão caro pedir crédito e como é que uma recessão económica causa impacto nas sua capacidade de comprar uma casa, a quem se sinta intimidado pela terminologia terrível e pelas teorias arcanas, e a quem tenha um dia espreitado pela janela, para o mundo amplo, e pensado: «Mas, afinal, o que é que se passa ali fora?»

Imagino o leitor a coçar a cabeça, questionando-se:

Uma dívida nacional elevada (e que não para de crescer) é realmente uma ameaça?

O dinheiro não passa de um meme?

O que significa, afinal, uma «leve» recessão?

O que são o *Fed cred*, *Fed flexing*, e a *Fedspeak*?

Por que motivo as empresas, com lucros nunca antes vistos, passam os custos para os consumidores?

Quais são os incentivos e entraves comportamentais que impulsionam a economia?

Ao tornar-se um cidadão informado em matérias económicas, passará a entender de que modo as preocupações e os problemas da economia o afetam, mas também a tirar partido deles.

Na sua vertente mais básica, a teoria económica é o estudo da mudança: como lidar com a mudança e como prevê-la. O dinheiro passa de mão em mão. Imagine que paga um café. Passa o cartão bancário no leitor eletrónico e faz o seu dinheiro transitar da conta que tem no seu banco para a conta da loja noutro banco — dinheiro este que, mais tarde, reentrará na economia quando a loja comprar mais grãos de café ou tiver de pagar aos funcionários ou ao senhorio do espaço. Uma transação tão básica envolveu várias passagens de mão.

A economia também reflete as voláteis emoções humanas, pois sobe e desce, acelera e desacelera. Mesmo que o longo prazo seja muito instável, a tendência dos ciclos comerciais é ascendente e visa o crescimento — embora as tentativas de mantermos a economia estável a qualquer custo desencadeiem às vezes eventos de recessão e declínios. Contudo, na vida, as situações procuram o equilíbrio, e o mesmo acontece na economia! Não nos esqueçamos de que a economia se resume a um bando de gente embrenhado nos seus pessoais afazeres. Este livro, em si, é uma atividade económica. O vosso carro é uma atividade económica. Frequentar o café, comprar um novo par de calças, comer uma maçã — tudo contém um elemento qualquer de economia.

Sei que é uma afirmação tolinha — «A economia somos todos nós!» —, mas não deixa de ser verdade. E todos nós merecemos a oportunidade de entendermos isto.

Recorrendo a analogias, histórias, ilustrações e inclusivamente citações de poesia, literatura e filosofia, procurarei unir pontos aparentemente desconexos e traçar uma esplendorosa constelação económica para vosso apreço com assombro, mas também com entendimento — pois afeta a vossa vida.

Um comentário breve para os leitores internacionais: sou americana, vivo nos EUA e escreverei dentro da perspetiva deste país. Muito deste livro é um exame à economia e políticas monetárias e financeiras

dos EUA, bem como dos seus mercados — ainda que, para o bem ou para o mal, estas também desencadeiem um efeito dominó ao longo do mundo, sobre economias avançadas e mercados emergentes. Não obstante, as lições patentes neste livro que versam o funcionamento da economia e o modo como esta afeta os cidadãos que a compõem são aplicáveis de forma geral. Também irei explorar as delicadas relações entre forças macroeconómicas mundiais e as complexidades e manias do sistema financeiro global.

A disciplina económica destina-se a qualquer pessoa — logo, caso se sinta posto de parte, ou se fica com dores de cabeça ao tentar decifrar comentários financeiros rebuscados (ou patentemente incorretos)... este livro foi escrito a pensar em si. Começemos, então.